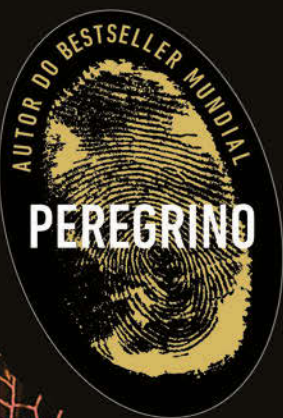


«Valeu a pena esperar...»
The Times



O ANO DO GAFANHOTO

TOP
SEL
LER

TERRY HAYES

Para a Alexandra, a Stéphanie-Marie, o Connor e o Dylan.
Mais do que alguma vez poderia ter esperado
e muito mais do que alguma vez mereci.

«Conhecemos o inimigo, e o inimigo somos nós.»
— Walt Kelly, cartaz do Dia da Terra, 1970

Depois de amanhã...

PRIMEIRA PARTE

1

Certa vez, fui matar um homem. Noutras ocasiões, quando era mais novo, levei a cabo o meu trabalho nas vielas de Tóquio iluminadas por néones, vi o Sol nascer por detrás da Mesquita das Nove Cúpulas e aguardei na marginal da Istambul Velha enquanto as lágrimas de uma mulher caíam como chuva.

Desta vez, foi para leste, onde o mar Egeu se encontra com o Mediterrâneo e o sol turco brilha com força sobre uma cadeia de pequenas ilhas. A mais pequena era também a mais remota — as ondas batiam nos destroços de um cargueiro encalhado num recife de coral, correntes perigosas redemoinhavam por entre enseadas recônditas, e uma aldeia de pescadores, com os seus barcos de madeira há muito idos, não passava já de um amontoado de ruínas.

Aterrei no fim da primavera, sendo largado na costa pelo capitão egípcio de um vapor decrépito que teve a inteligência de não me fazer muitas perguntas. Ainda recordo a brisa que me batia no rosto e o aroma intenso a caruma ao atravessar a floresta silenciosa; tal como sempre fiz ao longo da minha vida profissional, mantive-me nas sombras.

Naquele dia, o meu alvo era um homem corajoso, disse não havia dúvidas, supostamente um alemão vindo de Nuremberga — essa bela antiga cidade assente em tanta história sombria —, e quando o surpreendi na cozinha da sua vivenda isolada, ambos percebemos que eu vinha de longe, tanto em quilómetros como em anos, para chegar a tão mortífero encontro.

Na altura, pertencia à agência e, por muitos anos, tive como nome de código *Kane*. Cinco anos antes, o alemão fora um recurso de confiança dos serviços secretos dos Estados Unidos em Teerão. O que ninguém sabia, mas que se descobriu a tempo, era que ele trabalhava secretamente a soldo dos russos. Naqueles tempos, pelos vistos, tudo era contratado fora, até a espionagem.

Numa tranquila noite de segunda-feira, foi tomar uma refeição tardia ao *bistrot* do faustoso Espinas Palace Hotel de Teerão e, na casa de banho masculina, entregou os nomes de dez das nossas mais valiosas fontes a um representante da Central de Moscovo. É bem sabido, no mundo dos serviços secretos, que as agências de espionagem da Rússia e do Irão trabalhavam irmanadas há anos, pelo que era inevitável que a lista acabasse nas mãos da PAVA, a brutal polícia secreta iraniana. Tendo isso em conta, a nossa rede — montada ao longo de muitos anos, custando muitas vidas e enormes quantidades de dinheiro, mas, mais importante, tornando-se uma vital porta de acesso ao programa nuclear iraniano — foi destruída numa questão de horas. Até para a CIA, uma organização conhecida pela sua dose considerável de fracassos, o caso foi classificado como um desastre sem precedentes.

As consequências para as duas mulheres e os oito homens desmascarados à conta da traição do nosso ativo foram bem mais catastróficas. Compareceram diante de um juiz num julgamento noturno e, no dia seguinte, começaram a ser montadas dez gruas numa das maiores praças de Teerão. Apesar de inicialmente os transeuntes não terem prestado grande atenção a esse facto, depressa se tornou claro o seu propósito: destinavam-se a assegurar que o máximo possível de gente pudesse testemunhar a execução da sentença do tribunal. Em muitos países do Médio Oriente, não basta que as pessoas sejam punidas; toda a gente deve ser avisada.

Mal as gruas foram montadas, afixaram-se os braços horizontais. Enrolaram uma corda à ponta dos braços do guindaste e, mais tarde, num dia de primavera, os prisioneiros foram trazidos para a praça em quatro carrinhas prisionais pretas. Um a um, enquanto os minutos se arrastavam, foram transportados numa jaula até ao topo da grua que lhes fora destinada.

Sob o olhar atento da multidão reunida lá em baixo, os homens e mulheres, aterrorizados, foram obrigados a avançar até uma pequena plataforma situada na extremidade de cada haste por elementos da Guarda Revolucionária. Penduraram uma placa ao peito de cada prisioneiro, identificando-o como espião do «Grande Satã», e foi-lhes então colocada uma corda ao pescoço, popularmente conhecida no país como «gravata iraniana».

Graças a um cuidado planeamento, a multidão na praça desfrutava de uma vista desimpedida sobre as dez figuras lá no alto. Contra um céu azul-claro, pareciam suspensos entre o céu e a terra. Dadas as circunstâncias, calculo que fosse exatamente onde se encontravam.

Num pequeno aglomerado mais próximo das gruas, viam-se homens e mulheres de joelhos, a chorar e a rezar — muito provavelmente familiares e amigos. Ergueram o olhar quando um homem fardado, tenente-coronel, subiu para uma das carrinhas e, com um megafone, falando em farsi, fez a sua voz ecoar pela praça. Leu os nomes de cada um dos prisioneiros, a acusação e a sentença.

Por fim, baixou as folhas e, num tom mais alto, proferiu uma palavra que se traduzia por: «Preparados.» Um dos condenados — um homem — ouviu a palavra e a sua coragem soçobrou: gritou, pedindo a Deus que o salvasse.

Como sempre, pelo menos pela experiência que tenho, a súplica não surtiu efeito. Numa rotina bem treinada, os elementos da Guarda Revolucionária avançaram e cada um deles assentou a mão direita no fundo das costas de um prisioneiro.

Aquando deste gesto, abateu-se sobre a multidão um intenso silêncio, e uma criança, um rapaz com uns 6 anos que estava no grupo de amigos e familiares, levantou-se e olhou fixamente para um dos prisioneiros — possivelmente uma mãe ou um pai —, e começou a chamar por um nome. Uma mulher a seu lado puxou-o para baixo, o rapaz começou a chorar e, após o que pareceu uma eternidade, o homem com o megafone deu a ordem seguinte: «Agora.»

Em simultâneo, a Guarda empurrou os prisioneiros. Dez pares de pés deixaram as plataformas de madeira e um sobressalto involuntário tomou conta da multidão. Os familiares e amigos viram chover sapatos e sandálias conforme as vítimas caíam pelo ar.

Mergulhando com os pés na direção da praça, as cordas enroscadas rapidamente se desenrolaram atrás deles. Quando acabaram de se desenrolar, estalaram com força nos seus pontos de sustentação, as forcas apertaram-se, os prisioneiros levaram um puxão para cima e os seus pescoços partiram-se num ápice.

Ninguém na multidão proferiu uma palavra; o único som audível era o choro das famílias ante os dez corpos que baloiçavam suavemente ao sabor da morna brisa do Médio Oriente.

A reação silenciosa da multidão não me surpreendeu. Fora azar meu ter testemunhado uma série de execuções — várias por fuzilamento, duas por enforcamento, e, numa outra, a de um idoso preso a uma cadeira elétrica, obrigado a «cavalgar os relâmpagos», como lhe chamaram os guardas no corredor da morte —, e posso garantir-vos: a expressão de terror no rosto de um homem ou mulher quando tudo o que sonharam ser se extingue na eternidade é algo que nunca nos abandona. É uma memória

que vem à tona às três da manhã, quando tudo aquilo que tememos se aproxima, degrau a degrau.

Uns dias antes — na casa de banho masculina do Espinas —, o alemão, como paga pela lista de nomes, recebera uma pasta de couro contendo uma fortuna em títulos ao portador, anónimos, suíços. Não sou crente — ninguém poderia dizer isso de mim —, mas, há dois mil anos, São Paulo escreveu algo que, uma vez ouvido, é difícil de esquecer: o amor pelo dinheiro é a raiz de todo o mal. Sem dúvida que o foi naquela noite em Teerão.

Segundo os analistas da agência, desde o momento em que o traidor deixou a sua chávena de café, uma velha gabardina, duas beatas de cigarro e um recibo de cartão de crédito amarrado na mesa do *bistrot*, entrou na casa de banho, fez a troca, saiu por um bar de charutos anexo, subiu para a traseira de um mototáxi que o esperava e desapareceu na cidade, terão decorrido 92 segundos. Em 92 segundos, tornou-se multimilionário, destruiu toda uma rede de informações secretas e assinou as sentenças de morte de dez colegas. Sob qualquer critério, era um belo espião. Como *freelancer* autodidata, revelou-se imaginativo.

Como seria de esperar, a CIA — organização com muitas falhas, mas ocasionalmente brilhante, para a qual eu trabalhara nesses últimos doze anos — levou a cabo inúmeras tentativas para o encontrar, mas nenhuma esteve perto de ser bem-sucedida e, com mais provas da sua vida dupla a virem diariamente à superfície, o seu estatuto cresceu até se tornar uma espécie de lenda sombria para os serviços secretos norte-americanos. Pior ainda, os analistas da agência escavaram fundo e descobriram que, ao longo dos anos, ele assumira tantas identidades falsas que a Companhia se viu por fim obrigada a admitir um derradeiro facto arrepiante: não faziam a mínima ideia de quem seria. Talvez nem fosse alemão.

Com a sua real identidade a revelar-se um mistério — e, suspeito eu, por respeito pelo seu impressionante ato de desaparecimento —, uma das intelectuais residentes da agência atribuiu-lhe um nome que rapidamente pegou de estaca. Deu-lhe o nome de código *o Mago*, um feiticeiro, um *mágico*, uma palavra com raízes profundas na Antiguidade. A Bíblia diz-nos que os três sábios que levaram ouro, incenso e mirra para assinalar o nascimento de Jesus eram magos. Assim sendo, a CIA — a companhia que ao longo da sua história fora pioneira em tantas das artes negras da espionagem — deparara, por fim, com um feiticeiro e operador solitário intrinsecamente dotado.

Escusado será dizer que essa constatação alimentou a frustração do homem vestido a rigor do nosso gabinete do canto e que o encorajou a

redobrar os esforços da agência para o encontrar. Acreditem, nunca faltou testosterona nos patamares mais elevados do mundo da espionagem.

Uma vez que nem a busca com mais recursos, liderada por uma equipa de mineiros de dados e de agentes de terreno de elite escolhidos a dedo, foi capaz de encontrar vestígios do Mago, o problema aterrou na minha secretária. Era uma sexta-feira e eu estava prestes a sair para um almoço madrugador — o Starbucks da sede da CIA em Langley é, segundo muitos relatos, o mais movimentado do mundo —, determinado a antecipar-me à agitação do meio-dia. O meu computador e o cofre já estavam trancados quando ouvi o toque inconfundível que me informava de que acabara de entrar na minha caixa de correio uma mensagem de prioridade máxima.

Descodifiquei-a e vi que continha os ficheiros secretos relacionados com a traição de Teerão, gravações horríveis da execução pública pirateadas de câmaras da PAVA e relatos da corrente de tentativas falhadas de caça ao homem que se seguiram. A acompanhar vinha um bilhete do diretor a pedir-me que me familiarizasse com o material e fosse ter com ele ao gabinete antes do amanhecer de segunda-feira. Ser convocado para uma reunião a uma hora tão desusada não era invulgar, e havia na agência quem alegasse que os encontros madrugadores eram um estratagem — ele não era viciado em trabalho, diriam eles, simplesmente gostava de deixar essa impressão.

Veio a revelar-se que estavam errados: era um homem empenhado e ambicioso que, apesar de poucos o saberem, crescera em estranhas e difíceis circunstâncias. Sempre me pareceu que o trabalho preencheu nele uma lacuna emocional, e, para ser sincero, era coisa pouco invulgar numa agência conhecida pelos seus excêntricos e desajustados.

O diretor — de cabelo grisalho e mantendo boa parte da constituição alta e atlética fez dele uma das estrelas do atletismo na universidade — cresceu sob o nome Richard Rourke, mas ninguém o tratava pelo nome de batismo havia anos. Era universalmente conhecido por *Falcão* — desde que, enquanto jovem agente, entrara no Irão integrado numa equipa conjunta americano-israelita incumbida de incapacitar um dispositivo de centrífugas nucleares escondidas nas montanhas junto à pequena cidade de Natanz.

A missão redundou num desastre, mas, apesar de o Rourke ser o elemento menos experiente da equipa, demonstrou não só uma coragem extraordinária como uma frieza notável sob circunstâncias extremas: pelo menos cinco iranianos ao serviço da agência acabaram por lhe ficar a dever a vida. Conforme se espalhou pelo mundo dos serviços

secretos a história da sua fuga a meio da noite, sob fogo e sem parar pelo que fosse, conduzindo através da fronteira com o Iraque com metade de uma rede local de colaboradores na traseira da sua *pick-up*, o nome Falcão acabou por se colar a ele.

Com um olhar impressionante e um maxilar firme, seria provavelmente mais imponente do que atraente, mas uma coisa era certa: era, sem dúvida, o homem mais bem vestido que alguma vez conheci. Fosse qual fosse a hora, fosse qual fosse a tensão que pudesse rodear uma situação, dava-se com ele pela manhã no gabinete ou, à noite, no centro operacional a envergar um fato *Brioni* confeccionado à mão e uma camisa *Charvet*. Até a sua coleção de botões de camisa era uma maravilha a contemplar.

Assim que abandonou as operações na linha da frente, passou várias décadas a subir pelo pau de sebo em Washington, e a roupa e a imagem faziam parte disso. Nos corredores do poder e nos salões sociais da elite de Georgetown, era visto como um homem talentoso e muito sofisticado; um seguro e elegante par de mãos.

Ia a meio da casa dos sessentas quando fui convocado para comparecer no seu gabinete e, para ser sincero, não me surpreendi com a chamada. Ouvira rumores de que a última busca pelo Mago se estava a revelar tão malsucedida quanto as anteriores e calculei que, mais cedo ou mais tarde, um elemento de elite dos serviços de inteligência dos Estados Unidos perceberia que eu tinha as capacidades necessárias para emprestar à busca um novo tipo de abordagem.

Por um estranho conjunto de circunstâncias, eu era um elemento de um pequeno quadro de espões especializados em entrar naquilo a que se chama Zonas de Acesso Interdito — lugares sob absoluto controlo hostil, como a Rússia e a Síria, a Coreia do Norte, o Irão e as regiões tribais do Paquistão —, pelo que tinha mais conhecimentos do que a maioria sobre maneiras de escapar à deteção de alguém procurado para ser abatido.

Resumindo, o Mago sabia, obviamente, esconder-se. Tal como eu.

2

A minha experiência e capacidade invulgares levaram a que numa, de resto, vulgar sexta-feira — apressando-me para ir almoçar — desse por mim uma vez mais prestes a lançar um olhar apressado a uma resma de ficheiros altamente secretos.

Ao abrir o primeiro, aconteceu uma coisa estranha — um silêncio profundo, como nunca tinha ouvido, tomou conta do meu gabinete, levando-me a parar. Espreitei pela janela: o vento, que estivera a intensificar-se rumo a um vendaval invernos, acalmara por completo e as poucas folhas resistentes nas árvores já não estrepitavam num rufar selvagem. Alguém supersticioso ou religioso poderia ter dito que o estranho silêncio significava que o Universo queria a minha atenção, que os céus assinalavam o momento em que um espião discreto abrisse um ficheiro altamente secreto e que os planetas começavam a alinhar-se.

Felizmente, não me regia sob tais ilusões. De uma vida há muito ida, sou diplomado em Ciências numa faculdade de grande reputação e sempre acreditei num mundo racional. Vira o inverno açoitar a Virgínia com força nesse ano; na maior parte das manhãs, havia uma grossa camada de geada no chão e por diversas vezes vi árvores trajadas de exoesqueletos de gelo, e sabia o verdadeiro significado do silêncio lá fora: começara a tombar nas redondezas uma neve intensa, abafando o ruído do mundo, como é tão frequente.

Preocupado por ter de conduzir de regresso a casa sob o nevão que se aproximava, desci os estores, voltei a ouvir o vento a reunir forças e comecei a passar os olhos pelos ficheiros. Seis horas mais tarde, depois de os ter absorvido, sentei-me na noite cada vez mais profunda e pensei na dificuldade de apanhar o Mago.

Para complicar ainda mais, estava convencido de que, muito antes de ele ter entrado na casa de banho em Teerão, preparara uma série de novas identidades e esconderijos, dezenas de lugares e de nomes que teria utilizado e descartado até ter a certeza de que o rasto arrefecera e ele fora engolido pela vastidão do mundo. Segundo a base de dados da agência, havia pelo menos 200 milhões de homens brancos de meia-idade no planeta; para que um agente secreto localizasse um deles, era efetivamente um mundo muito vasto.

Apesar de o ficheiro do homem disponível em Langley ter um conjunto completo de fotografias e de dados biométricos, eu não tinha dúvidas de que imediatamente depois de ter abandonado Teerão, teria parado nas montanhas suíças, em Gstaad ou em Villars-sur-Ollon, aldeias exclusivas que não só acolhem os dois colégios internos mais caros do mundo, como são também o lar de instituições de um calibre bem diferente. Nas entranhas dos seus vales, é possível dar com clínicas discretas especializadas no secretismo e na cirurgia de topo. A amante de Vladimir Putin, em tempos, deu à luz numa delas, e se os russos pagarem uma fortuna

a alguém, essa pessoa pode sair de lá com um rosto completamente diferente, um novo tipo de cabelo, impressões digitais cirurgicamente alteradas e implantes magnéticos nas tíbias que acrescentam centímetros à estatura.

Sozinho no gabinete, constatei que me era pedido que encontrasse um homem branco de estatura e nacionalidade indeterminadas, com um nome que nos era desconhecido, num lugar que éramos incapazes de determinar, com um rosto que nunca víamos e gerador de impressões digitais que não eram as suas. Talvez algo no seu passado distante ajudasse, só que nunca descobrimos quem realmente era. Na Turquia, há uma expressão que define as tarefas deste tipo: é como escavar um poço com uma agulha.

Levantei-me, avancei até à janela e subi o estore para ver a noite, a contar que a tempestade de neve tivesse chegado e que se acumulasse intensamente neve no chão, mas havia apenas vento a soprar nas árvores. Era estranho, pensei, que o silêncio se instalasse, mas que a tempestade invernal não chegasse. Não pensando mais no assunto, disse a mim mesmo que encontrar o Mago era um enigma interessante, mas que, se lhe fossem retirados o desejo de vingança e a testosterona, a missão não era assim tão cativante: ele partira há muito, vivia fora do radar, já não constituía uma ameaça.

Ao olhar para as árvores esqueléticas, ocorreu-me algo que o meu pai, morto faz agora dez anos, em tempos me disse: «Se o que buscas é vingança, cava duas sepulturas»; e brinquei com a ideia de sugerir a Falcão que mais valia à agência empenhar-se em descobrir os traidores do presente e esquecer os do passado. Felizmente, algo me deteve.

Em vez disso, segui o rasto do Mago e um dos itens insignificantes que ele deixara na mesa do Espinas Hotel levou à ilha no Egeu. Eu sabia que ele vivia sozinho e, com o sol do meio-dia a aquecer-me as costas, buganvílias vermelhas a invadir as paredes da *villa* e uma *Sig Sauer* de calibre 9 na mão, entrei pela porta trancada da cave, avancei pela casa silenciosa e dei com ele na cozinha a preparar massa numa placa de fogão a gás, a cantar baixinho só para si uma canção de amor italiana. Nada alemão, como veio a ver-se.

Vacilou a meio de uma nota, pressentindo a minha presença, e virou-se para a sala de jantar. Ficámos cara a cara, separados por uns dez metros de ar mediterrânico balsâmico, e então, sem hesitar, avançou meio passo, ocultando momentaneamente da vista a mão esquerda. Num único movimento, deslizei a patilha de segurança e premi o gatilho — não avancei mais; na fração de segundo entre o meu olhar que via

e a minha mão que reagia, ele recorreu a um extraordinário pedaço de sabedoria de espião que me projetou — com os ouvidos a retinir, meio ensurdecido — para trás na divisão e lhe deu vinte segundos para disparar com uma pistola que desencantou e fugir para o jardim. Uma vez mais, estava em fuga, fazendo aquilo em que era melhor: desaparecer.

Mas, na completude do tempo, o verdadeiro significado daquelas horas na ilha nada teve que ver com o facto de eu o ter encontrado ou com a circunstância de a agência ter logrado vingar-se. Não, a sua importância foi completamente diferente: praticamente por acaso, o Mago ensinara-me um truque brilhante, um notável conhecimento do meio, que acabou por me salvar a vida.

Uns tempos mais tarde, numa missão bem mais importante e amplamente mais penosa do que tudo o que eu já levava a cabo, percorri meio mundo, através de uma paisagem dominada pelo medo, até chegar às ruínas de um em tempos grande complexo industrial. Eram instalações russas localizadas na antiga república soviética do Cazaquistão — e, apesar de pouca gente provavelmente ainda se recordar, foi o palco de um dos maiores feitos da Humanidade. Foi lá que acabei por me ver envolvido num brutal combate corpo a corpo sem quaisquer hipóteses de sucesso e que — encarando a eternidade — mergulhei na memória e recordei o que o Mago fizera. Nunca hei de perdoar ao homem o que fez em Teerão, mas não haja dúvidas de que tenho para com ele uma tremenda dívida de gratidão, e, dada a importância da minha missão, talvez também o mundo lhe seja devedor. Mais um exemplo — como se tal fosse preciso — das grandes ironias da vida.

Apesar de a missão ter atingido a sua mortífera conclusão no histórico e decrépito cosmódromo de Baikonur, no Cazaquistão, começa a milhares de quilómetros dali, no território selvagem e sem lei onde se cruzavam as fronteiras do Irão, do Afeganistão e do Paquistão. Trata-se de um triângulo, uma zona onde falcões-peregrinos, as criaturas mais velozes à face da Terra, caçam ao amanhecer e a vida de um espião da Zona de Acesso Interdito se mede com frequência em dias.

Fui lá para ter um encontro com um informador, um homem que conhecia um mundo de segredos sobre o grupo terrorista mais perigoso do mundo. Não posso dizer-vos que fosse um homem corajoso — queria dinheiro e passaportes para dar uma vida melhor à mulher e aos filhos —, mas uma coisa sei: se fosse desmascarado, teria uma esperança de vida mais curta do que a minha.

Para uma viagem ao coração das trevas, o arranque não se revelou auspicioso. Segui de avião até Karachi, a maior cidade do Paquistão, no dia mais quente desde que havia registo na metrópole, e ainda só íamos em finais de abril. Quando saí do ar condicionado da zona das chegadas, o calor era tão intenso que me deixou literalmente sem fôlego.

Quinta maior cidade do mundo — e possivelmente a mais caótica —, Karachi alberga vinte milhões de pessoas, quase todas pobres, amontoadas numa área entre o delta de um rio, de um lado, e as águas poluídas do mar Árábico, do outro. Cinco vezes ao dia, o muezim chama todos os habitantes para a oração a partir de três mesquitas, o ar é tóxico devido ao gásóleo, e a água potável não é muito melhor. Nada nos prepara para a agressão aos nossos sentidos. Ao atravessar o parque de estacionamento, vi várias pessoas reunidas em redor de dois pedintes que desfaleceram devido ao calor, e não me espantaria que um deles tivesse morrido. Um homem mais supersticioso, quiçá alguém que prestasse atenção ao silêncio antes da tempestade, poderia ter encarado aquilo como um sinal.

Abandonando a cidade, conduzi para oeste ao longo de oitocentos quilómetros, o mais depressa que me foi possível, com o mar turquesa à minha esquerda e nada mais do que asfalto vazio e reluzente diante de mim. À medida que os quilómetros foram desaparecendo pelo retrovisor, aquele foi-se transformando num dos lugares mais solitários e desamparados que até então tinha visto, até que, por fim, parei num cume, olhei para o horizonte e vi à minha frente terras baldias ressequidas, desfiladeiros profundos e penhascos intransponíveis de granito, o meu primeiro vislumbre de Jomhuri-ye Eslami-ye Iran — a República Islâmica do Irão.

Apenas uma mão-cheia de espões norte-americanos se infiltraram com sucesso no país e ainda menos regressaram com vida. E agora, pouco mais de trinta quilómetros adiante, fora de vista naquelas terras desertas, encontrava-se a sua fronteira intensamente patrulhada. Tudo o que tinha de fazer era atravessá-la — sem ser visto, como um fantasma na noite.

A missão fora iniciada, como acontece com frequência no mundo dos serviços secretos, por um acontecimento aparentemente banal. Um homem que tentava consertar o ar condicionado do seu carro dera

com um papelinho — a mostrar nada mais do que o seu código e por menores de despacho — preso à parte de trás de uma peça sobresse-lente. Não teria significado para quase ninguém no mundo — só que ele não era um homem vulgar e o quadradinho de papel, pelo menos num aspeto, era bastante notável. O homem em causa era um soldado de confiança na que se tornara a organização terrorista com mais rápido crescimento no mundo, que se autointitulava Novo Exército Islâmico dos Puros e cujas raízes se enterravam bem fundo no fundamenta-lismo religioso e no ódio antiocidental. Até ali, nada de invulgar — havia montes de organizações do género —, só que o Exército dos Puros era a mais recente encarnação do que seria provavelmente o grupo terrorista mais violento da história moderna.

Apesar das alegações de líderes de uma série de países, o Estado Islâmico, também conhecido por ISIS — a organização brutal que nasceu das cinzas da Síria e do Iraque —, nunca foi derrotado do ponto de vista militar. Sob constantes ataques, fez o que organizações insurgentes e terroristas sempre fizeram. Espalhou-se aos quatro ventos e o cancro derramou-se em metástases.

Fruto disso, surgiram cinco grandes ramos do Estado Islâmico, e os líderes dos melhores — ou os piores, em função da perspetiva — autointitularam-se Exército dos Puros, rumaram a sul e encontraram um porto de abrigo seguro entre colunas de granito, aldeias antigas e vales ocultos da fronteira entre o Paquistão e o Irão. «Porque é que Deus criou a zona fronteiriça?», diz a velha piada. «Quis que o Afeganistão ficasse bem visto.»

Vigilância por satélite, pirataria de telefones à escala industrial e reconhecimento facial generalizado — na sua versão altamente secreta, é capaz de identificar pessoas a mais de trezentos quilómetros, lá do espaço — mostraram que o exército estava a atrair apoiantes e comba-tentes mais depressa do que os próprios e calejados observadores de Langley acharam possível. No seu auge, o Estado Islâmico alistara mais de trinta mil guerreiros estrangeiros e uma grande quantidade deles — agora tremendamente experientes — começara a percorrer a autoes-trada costeira, que saía de Karachi, ou os antigos trilhos do ópio, que saíam do Afeganistão, para se alistarem nas fileiras do exército.

Para os milhares de homens e mulheres de Langley que, depois do 11 de Setembro, dedicaram toda a sua carreira profissional a monito-rizar as areias movediças e as correntes secretas do fundamentalismo islâmico, tornou-se cada vez mais óbvio que estavam a testemunhar a ascensão de algo tão aterrorizador como Estado Islâmico ou, ainda pior,

tão mortífero como a Al-Qaeda de Osama Bin Laden. Mas esses mesmos analistas sabiam também que a retórica violenta e os batalhões de seguidores não passavam de ornamentos. Sem um elemento crucial, qualquer grupo de fundamentalistas islâmicos não era diferente dos 300 grupos de milícias armadas que operavam na América — homens e mulheres que se mascaravam às sextas-feiras à noite e se «mobilizavam» pela floresta mais próxima aos fins de semana. Para que fosse o trigo e não o joio, para que fosse dado como genuíno e não como contrafação, um grupo terrorista tinha de atacar.

Quanto mais difícil o alvo, maior a glória, e não havia alvo mais difícil a atingir do que a América. Bin Laden teve sucesso de uma forma espetacular e acendeu um farol para todos os grupos terroristas que se seguiram. De certa forma, e não é simples reconhecê-lo, apesar de o local do ataque do 11 de Setembro ter sido limpo há anos, todos continuamos a viver entre as ruínas das Torres Gémeas. Como disse um historiador — referindo-se a vírus descontrolados, furacões catastróficos, inundações gigantescas e terrorismo sem fim —, esta é verdadeiramente a Idade do Pânico.

Seis horas depois de os analistas da agência terem apresentado o seu relatório *top secret* sobre a Ascensão do Exército dos Puros — e de, consequentemente, ter passado o sinal de contraterrorismo da agência do cor de laranja para o vermelho num piscar intenso —, a enorme operação da CIA no Afeganistão, o Posto de Cabul, ouviu o primeiro de uma série contínua de rumores.

Por vezes, recordo o tempo em que era relativamente novo no negócio da espionagem: seguia a bordo de um cargueiro que cruzava o mar de Andamão, ao largo da Tailândia, e, incapaz de dormir — nervoso por ter de me infiltrar em Myanmar para me reunir com um grupo de líderes rebeldes —, subi ao convés de madrugada e pus-me na amurada. Era uma daquelas noites, das que os controladores de tráfego aéreo chamam «muito nítidas» — nem um som, transparente e sem nuvens, um sopro de vento sem transportar qualquer poluição e as estrelas expostas numa noite cristalina.

A hélice do barco agitava a água, levando milhões de minúsculos organismos marinhos a emitir um brilho mais intenso, e percebi: estava rodeado pela fosforescência do mar. Com a Via Láctea no alto e uma Via Láctea abaixo, era como viajar por um mar de velas, uma metáfora perfeita para o mundo secreto. Os espões também percorrem águas estranhas e desconhecidas, cercados não por estrelas e organismos marinhos, mas por fragmentos de informação. Mas o truque era o mesmo — não nos concentrarmos nas velas e tentar, em vez disso, ver a luz.

Ao cabo de semanas a ouvir o rufar dos rumores, o Posto de Cabul fez isso mesmo — olhou para lá das velas e chegou à conclusão de que o Exército dos Puros planeava um grande golpe, uma ação terrorista concebida como o grande espetáculo que emularia os seus antecessores mais sombrios.

No mundo dos serviços secretos, há um nome reservado para atos terroristas globais levados a cabo em tal escala, e o Posto de Cabul não teve dúvidas de que mais uma «megaprodução» vinha a caminho.

5

O relatório urgente de Cabul — tendo em conta a sua classificação da mais alta segurança e enviado apenas a Falcão Rourke e ao seu superior, o diretor dos Serviços Nacionais de Inteligência — deixou claro nos seus três parágrafos iniciais que, apesar de um ataque tão devastador poder afetar todo o mundo ocidental, seria concentrado na América.

Alarmados, os dois mestres espões de Washington incumbiram de imediato todos os recursos da gigantesca rede de serviços de inteligência dos Estados Unidos — novecentas mil pessoas e mais de duas mil organizações governamentais, três dúzias das quais completamente secretas — de tentarem descobrir tudo o que fosse possível sobre uma conspiração sem forma e praticamente invisível. Ambos os homens sabiam que, desse por onde desse, tinham de trazer um pouco mais de luz ao assunto.

No dia seguinte, um ativo menor dos Estados Unidos no Afeganistão recebeu uma mensagem encriptada no telemóvel a indicar-lhe que estivesse atento a tudo o que o vento soprasse.

O homem, um afegão na casa dos 50 anos, por norma trajado com um macacão engordurado — um de entre várias centenas de *freelancers* da CIA a trabalhar no país —, era um técnico de ar condicionado que trabalhava a partir de uma oficina móvel: uma vigorosa *pick-up* de tração às quatro rodas que alegava — como se podia ler na lateral em pastó, dari e inglês — que, estivesse onde estivesse, o *Doctor Air* era capaz de curar o ar condicionado de qualquer marca ou modelo de viatura.

Pelas terras fronteiriças do Afeganistão, do Irão e do Paquistão, era conhecido como o melhor de entre todos os especialistas em triagem de berma de estrada. Ao longo de vinte e cinco anos, levava a vida a circular livremente pelas aldeias e vilas remotas espalhadas para lá das fronteiras, tratando por tu patrulhas de fronteira e agentes dos três países, sendo-lhe

sempre facultada passagem livre a troco da substituição de um filtro de refrigeração ou de uma simples reparação.

A sua especialidade era arranjar peças fora do mercado, e, apesar de nenhum dos seus clientes ter percebido ou questionado, havia uma boa razão para que o fizesse: a CIA trazia-as dos Estados Unidos e entregava-as no seu armazém em Cabul, todos os meses.

Recrutá-lo como ativo e dar-lhe tudo o que era necessário para o seu negócio prosperar foi uma ideia inspirada de Falcão Rourke quando chegou o Posto de Cabul uns anos antes.

— Escondam-no à vista de todos... a zona é um forno, toda a gente precisa de ar condicionado — disseram-lhes Falcão. — Ele pode sentar-se à beira de uma fogueira, beber a obrigatória chávena de chá e ficar a ouvir.

O técnico fez exatamente isso: ao longo de anos, transmitira centenas de rumores e fragmentos de informações secretas, e agora o seu contacto no Posto de Cabul pedia-lhe que prestasse ainda mais atenção. O técnico teria ignorado o pedido — percebeu que era frequente a agência emitir diretivas urgentes só para garantir que estavam todos despertos —, mas esta mensagem surgiu acompanhada de uma saudação amistosa, ao fim daqueles anos todos, do seu velho amigo Falcão Rourke e de um pedido para que fizesse tudo o que pudesse para ajudar.

Dez dias mais tarde, ao trabalhar num armazém num parque industrial nos arredores de Cabul, a carregar a carrinha com um novo lote de peças da CIA, dominado pelo fedor intenso, como sempre, da estação de tratamento de águas residuais contígua, recebeu um telefonema por satélite a pedir apoio urgente. Não havia nisso nada de invulgar, e dessa vez veio de um homem cujo ar condicionado ele consertara várias vezes ao longo dos últimos anos. O cliente, que parecia fazer imensos quilómetros, disse que estava enalhado numa pequena aldeia para lá da fronteira no Irão, junto a Zabol — um centro regional com a honra dúbia de ser considerado pela Organização Mundial da Saúde a cidade mais poluída do mundo.

Noutras circunstâncias, o técnico teria recusado — a aldeia ficava a mais de mil quilómetros de Cabul, não havia mais pedidos de assistência na zona e ansiava por uns dias de descanso na capital antes de voltar à estrada.

A perspetiva de conduzir sob o ar sufocante de Zabol era tudo menos apelativa; por outro lado, o homem sempre o intrigara. Falava pouco, viajava constantemente, era um afegão que em tempos fora taxista em Cabul e agora vivia no Irão sem emprego aparente — ou, pelo menos,

alguma coisa de que se mostrasse disposto a falar. Talvez fosse intuição nascida em quem passou metade da vida a trabalhar no mundo das sombras, ou talvez fosse apenas ganância, mas o técnico decidiu fazer-se à estrada. O Posto de Cabul pagava bem por informações e a mensagem de Falcão indicava que era um mercado com muita procura.

Mais à frente nessa tarde, com o verão a bater com força, cruzou a fronteira com o Irão e, 24 horas mais tarde — depois de conduzir quase sem pausas —, chegou à pequena aldeia. A principal causa da poluição na região era uma poeira castanha impulsionada por um vento incansável, e, de modo que se pudessem proteger dela, os dois homens combinaram encontrar-se sob o abrigo de uma mesquita de paredes altas. Não precisavam de se ter dado ao trabalho — o vento uivava ainda com mais intensidade do que o habitual, virando tudo do avesso, pegando no fumo das fogueiras onde se cozinhava em casas decrepitas, agitando-o num *cocktail* sufocante e transformando os homens e mulheres que percorriam apressados as vielas e as ruas em nada mais do que fantasmas na nuvem de pó.

Ao tentar descobrir o caminho na escuridão da tarde, com os faróis acesos, a carrinha do técnico arrastou-se ao longo da parede da mesquita até por fim parar junto a um *Nissan Patrol* de tração integral avariado. De imediato, o condutor do *Nissan* saiu, correu até à traseira da carrinha de reparações, abriu de repente a porta de trás e trepou lá para dentro. Tinha 30 e muitos anos, boa aparência, pele cor de um artefacto antigo de bronze e quase tão maltratada como um: nitidamente, passara imenso tempo exposto ao sol e ao vento. O técnico mostrou um dos seus sorrisos de esquelha e apontou para o mundo apocalíptico para lá do para-brisas.

— Em nome de Alá... — disse ele em farsi, abanando a cabeça.

Desceu do lugar do condutor, dirigiu-se à traseira da carrinha, onde tinha uma cama e várias cadeiras entre caixas de peças, pegou em duas chávenas e acendeu um pequeno forno a gás. Enquanto esperava que o chá aquecesse, apontou para o *Nissan*.

— Mais um problema com o compressor? — questionou.

— Assim foi — respondeu o visitante, mantendo-se na parte de trás da carrinha, meio escondido na sombra. — Foi há uns meses. Soltou-se do suporte, por isso puxei-o e voltei a encaixar.

— Então... qual é o problema agora? — questionou o técnico.

— É este — respondeu o visitante.

Segurava uma folha de papel — havia lá duas linhas de palavras e algarismos escritos em inglês — e mostrou-a ao técnico. O homem mais velho não precisou de olhar duas vezes.

— Ao puxar o compressor, dei com isto colado atrás da unidade — informou o visitante. — Acho que alguém se esqueceu de o remover.

Aproximou o papel ainda mais do outro, apesar de não ser sequer necessário. O técnico sabia exatamente do que se tratava: um autocolante com um número de código, um conjunto de letras identificativas e as informações de envio do compressor. A CIA era reconhecidamente uma burocracia governamental e todas as peças enviadas dos Estados Unidos eram devidamente catalogadas e assinaladas, obrigando o técnico a remover todos os autocolantes quando as peças lhe chegavam à oficina. Ou, pelo menos, ele assim achava. Percebeu de imediato que os algarismos e as letras não representavam um problema; isso ficava reservado para as informações de envio que mostravam que a peça fora adquirida por ordem do Dir.Dep.Langley para o Posto de Cabul, entrega ao Ativo Local 11789.

A água do chá fervia e o técnico contou-me mais tarde, quando eu montava as peças da sua narrativa, que por momentos equacionou pegar no seu velho *Smith & Wesson*, um revólver destinado a lidar com negócios complicados que estava pousado no assento do passageiro, mas descartou tal ideia; não duvidou de que a mão direita do visitante — fora do alcance da vista — segurava a sua própria arma, apontada diretamente a ele.

Apesar de prestes a entrar em pânico, o técnico disse que teve um momento de lucidez: percebeu que se o encontro estivesse na iminência de ser desmascarado, ele já estaria morto. E também não pareceu valer a pena tentar safar-se com conversa. Encolheu os ombros.

— Todos temos de comer.

— Até que ponto conhece bem os americanos? — quis saber o visitante.

— O suficiente.

— Lida diretamente com os espões... ou através de um intermediário local?

— Diretamente — respondeu o técnico.

O visitante ergueu a mão direita e o técnico viu que segurava uma *Ruger GP100*. Apontou a arma ao fogão, indicando-lhe sem palavras que a água já fervia, e o técnico, com as mãos a tremer intensamente, começou a tentar preparar o chá.

O visitante não desviou o olhar:

— Nos últimos anos, encontrámo-nos em meia dúzia de lugares diferentes... qual acha que é o meu trabalho?

O técnico abriu as mãos, indicando que não sabia ao certo.

— Nunca o vi com ninguém, por isso não achei que passasse gente pela fronteira. Traficante de ouro era onde mais apostaria, talvez tabaco... embora tenha pensado que precisasse de uma carrinha maior.

O visitante assentiu, mas nada acrescentou para contrariar as teorias do técnico.

— Faz ideia do que custou aos americanos o 11 de Setembro? — perguntou.

O técnico voltou-se para ele, esquecendo a preparação do chá, tão espantado com a pergunta que as mãos até pararam de tremer.

— O quê?

— Só as Torres Gémeas, os prédios, valiam sessenta e dois mil milhões de dólares. Custou quase mais mil milhões de dólares só a limpeza do local.

Disse o técnico, sem ter ideia da relevância:

— Isso é interessante.

— Pois é — reagiu o visitante. — Dá que pensar, não é? Quanto podiam ter pago para o evitar? Ou para evitar algo semelhante.

O técnico virou as costas e começou a tratar das chávenas... o que lhe estaria a propor aquele homem? O seu coração começou a bater com intensidade, sem saber ao certo se seria de ganância ou de medo.

Voltou a pensar no alerta encriptado do Posto de Cabul e na mensagem de Falcão, e pensou se o homem do *Nissan* pronto a circular soubera de algo — algum daqueles sussurros soprados pelo vento que a CIA tanto queria escutar. Talvez fossem mais do que sussurros.

— Sou levado a pensar que pagariam bastante por algo assim — reagiu com cautela o técnico.

— Concordo — disse o visitante. — Já lho perguntei há bocado: o que acha que faço na vida? — Não esperou por uma resposta. — Sou um correio.

— Um correio? — questionou o técnico, sem saber se tinha percebido bem. — Um correio de quem?

— Bem, para a FedEx é que não é — respondeu o visitante.

6

Quando lançaram a organização, os comandantes do exército tomaram uma decisão crucial. Perceberam, apesar de haver quem defendesse o contrário, que nenhum civil podia comprar telefones encriptados e que nenhuma aplicação de mensagens seria segura.

Tinham razão — não há qualquer aparelho ou software que a Agência de Segurança Nacional não seja capaz de piratear se a fásquia estiver suficientemente alta. Tendo isto em conta, a liderança do exército decidiu que o método de comunicação mais seguro era o recurso a correios humanos, e, assim, acompanhar a tendência crescente no mundo clandestino para o descarte da eletrônica, porque o papel não pode ser pirateado e o transporte em mãos não pode ser alvo de escutas.

Assim, o exército selecionou e treinou um punhado de discretos mensageiros de confiança para transportar documentos e mensagens orais de e para operacionais, fornecedores e financiadores. Mas havia um aspeto do sistema que a liderança militar nunca antecipou: quanto maior a conspiração, quanto mais valioso o segredo, maior a tentação para o vender.

Foi o que levou um desses correios — pai de duas raparigas, um antigo taxista que se fartou da rigidez da existência fundamentalista e se desiluiu com grande parte da sua retórica, um homem que viu uma oportunidade de transformar a vida da sua família e que estava disposto a arriscar a execução por a tentar agarrar —, sentado numa viatura num recanto do Irão varrido pelo vento e esquecido por Deus, a falar com um técnico de ar condicionado afegão que Alá — *subhanahu wa ta'ala*, o mais glorificado, o mais elevado — lhe revelou tratar-se de um agente *freelance* dos serviços de inteligência americanos.

O correio era um amador no mundo dos serviços de inteligência, mas isso não queria dizer que não tivesse aprendido uma das suas regras essenciais: um segredo pode valer uma fortuna, mas, se se pretende lucrar com ele, é preciso ser o primeiro a chegar ao mercado. Ele sabia que era crescente o perigo de ser ultrapassado.

— Há três semanas, as pessoas começaram a fazer perguntas — contou. — Os homens começaram a segredar uns com os outros... está a ser vertida informação sobre o que está a ser planeado. Daí que eu tenha dito, quando liguei, que era urgente... os americanos podem eles próprios ouvir, ou alguém me pode ultrapassar na venda.

— Venda? Quer vender a informação que tem aos americanos? — questionou o técnico. Nunca pensou deparar-se com tal tipo de problema, levava a vida a debicar migalhas. O homem era um correio. Os segredos que conhecia seriam, de longe, mais substanciais... e lucrativos. — Seja qual for a informação que tem — disse, ao servir o chá —, quanto pede?

— Vinte para mim. Cinco para si — respondeu o correio.

O técnico pousou a chaleira com que já servia o chá e olhou fixamente para o hóspede. Tinha de ter a certeza de que compreendia.

— Milhões? — questionou. — Dólares americanos?

— Muito mais barato do que o 11 de Setembro. É uma pechincha para os americanos — reagiu o correio. — Vou exigir passaportes americanos... assim como uma casa segura, nova identidade, uma vida completamente nova.

— Vinte e cinco milhões de dólares? — disse, espantado, o técnico.
— Uma vida nova... mas onde?

A expressão do correio suavizou-se.

— Antes de mais, algures onde não seja necessário ar condicionado... vista para a água, um lugar onde chova — disse ele. — Procurei no mapa... Oregon ou Maine, talvez? E você?

O técnico abanou a cabeça — nunca pensara em viver no Ocidente ou possuir cinco milhões de dólares, e não soube o que responder.

— O que pretende que eu faça? — questionou.

— Leve uma mensagem ao seu supervisor. Pergunte-lhe se querem comprar o que estou a vender.

— Eu conheço-os — disse o técnico com prudência. — Estão sempre à procura de armadilhas, vão querer verificar, provas. Nem sei o seu verdadeiro nome. O que é que lhes digo?... Um homem que conheci no Irão chamado Mohammed quer vinte milhões de dólares?

O correio abanou a cabeça, a sorrir.

— Diga-lhes que a informação que tenho é sobre aquilo a que os líderes aqui se referem como uma megaprodução...

— Uma quê? — quis saber o técnico.

— Ele vai perceber. Diga-lhe que sou um correio de confiança do Exército dos Puros e que tenho um bom conhecimento do funcionamento dos planos e da liderança deles.

O técnico reagiu — o Exército dos Puros? Do que tinha ouvido falar, era gente que se devia temer profundamente, mas, vendo bem, por cinco milhões de dólares, estava à espera de quê?

— A CIA há de pedir informações sobre si, detalhes, uma série de coisas — prosseguiu o correio. — Mas, ouça... sou eu quem controla, não eles. Vou apresentar as minhas condições. Está a prestar atenção?

— Desculpe — respondeu o técnico, distraído. — Estava a pensar em Las Vegas... quero ver Vegas.

O muito aguardado novo livro do autor de *Peregrino*

Para um espião da CIA responsável por Áreas de Acesso Restrito, como é o caso de Kane, «limites» é uma palavra desconhecida. Sabe quando fugir, quando se esconder e quando disparar, e a sua função é entrar, fazer o que tem de ser feito e voltar a sair. A qualquer custo.

Há lugares, todavia, que não seguem as regras. Lugares demasiado perigosos, até para alguém com a experiência de Kane. As terras áridas onde as fronteiras do Paquistão, Irão e Afeganistão se encontram são um lugar assim, onde a violência é a única maneira de sobreviver.

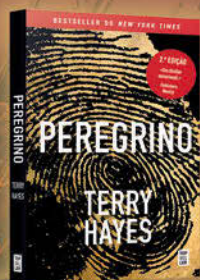
É para aí que Kane viaja, com o objetivo de exfiltrar um homem cuja informação é vital para a segurança do Ocidente. Aquilo que encontra, no entanto, é um adversário que conduzirá o mundo ao limiar da destruição. Um homem aterrador, astuto e cruel, com sangue nas mãos e vingança no coração...

Uma história carregada de *suspense*, ação e de ritmo imparável, que marca da melhor forma o regresso de Terry Hayes ao mundo do thriller de espionagem internacional.

«Brilhante na forma de revelar como os agentes operam
e os Estados Unidos espiam o resto do mundo.»

The Sun

DO MESMO AUTOR:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895830077



9 789895 830077 >